

A VISIBILIDADE E A PRESERVAÇÃO DA MANIFESTAÇÃO RITUALÍSTICA E ESPACIAL DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NA CIDADE DE LAGUNA

Ivie Mesquita², Danielle Rocha Benício³, Letícia Damázio de Jesus⁴

¹ Vinculado ao projeto de pesquisa "O invisível no visível da Laguna: os espaços sagrados das religiões de matrizes africanas na cidade lagunense"

² Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo - CERES - Bolsista PIVIC

³ Orientadora, Departamento de Arquitetura e Urbanismo - CERES - danielle.benicio@udesc.br

⁴ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo - CERES - Bolsista PIVIC

A presente ação de iniciação científica iniciou em agosto de 2019 e findou em agosto de 2022, junto ao Laboratório de Arquitetura - Teorias, Memórias e Histórias (Laboratório Artemis). Vinculou-se à pesquisa *O invisível no visível da Laguna: os espaços sagrados das religiões de matrizes africanas na cidade lagunense*. Aqui, apresentam-se os resultados suscitados do objetivo geral de reconhecer a visibilidade e a preservação da manifestação ritualística e espacial das religiões de matrizes africanas em Laguna; e dos objetivos específicos daí decorrentes: construir um breve histórico acerca da origem, da chegada e da instância, bem como da continuidade mais ou menos renitente dessas religiões no município; verificar o estado de conservação e apontar as principais transformações dos espaços sagrados reconhecidos e refletir sobre o *status* da preservação dos mesmos como patrimônio cultural afro-brasileiro na realidade lagunense contemporânea; e contribuir para a visibilidade e a preservação e, assim, o respeito e a valorização, da manifestação ritualística e espacial das citadas religiões na Cidade Juliana.

Para tal reconhecimento, a pesquisa qualitativa, baseada no método de abordagem hipotético-dedutivo e nos métodos de procedimentos histórico e estudo de caso, utilizou as técnicas de coleta de dados de: documentação indireta, através da investigação documental, bibliográfica e iconográfica (sobre história do tempo presente; preservação do patrimônio; legislação urbanística e preservacionista; religiosidades e culturas; religiões de matrizes africanas no Brasil; e Umbanda); e documentação direta, através do levantamento *in loco* (com observações, anotações, medições e croquis de cada terreiro; preenchimento de fichas padronizadas descrevendo a manifestação ritualística e o estado de conservação da edificação e de seu acervo; entrevistas com os dirigentes; e registro fotográfico). Os três tipos de fichas padronizadas (acerca dos bens imóveis, dos bens móveis e dos bens paisagísticos) abrangeram vertente(s) cultuada(s) e informações pormenorizadas de espaços urbanos, paisagísticos e arquitetônicos e seus objetos sacros. A partir disso, realizaram-se a reunião, a ordenação, a sistematização, a análise qualitativa e a síntese crítica dos dados. A pesquisa, até a etapa de trabalho em campo, ocorreu em equipe; e, depois disso, desde a etapa de análise qualitativa e síntese crítica, aconteceu individualmente, segundo cada plano de atividades das bolsistas.

Em Laguna, estudaram-se oito espaços sagrados das religiões de matrizes africanas (e entrevistaram-se seus dirigentes): Abassá de Iansã (Fabrício Santos); Casa Ogum Sete Ondas (Ângelo Limas); Fraternidade Espírita Vovó Catharina (Zenir Dias França); Tenda Inaê (Adriana Queiroz); Tenda Espírita Cavaleiros de São Jorge (Diego Carvalho); Tenda São Bom Jesus de Iguape (Rosa de Jesus Fernandes e João Batista da Silva, criado pela falecida Lucy Francisca Gonçalves, mais antigo em funcionamento); Tenda Raios de Iansã (Sandra Vieira da Silva); e

Centro de Umbanda de Xangô (Dilma da Rosa Fernandes). Não se estudaram três espaços sagrados: Tenda de Umbanda Águas de Oxum, maior terreiro (Valdiney Machado); Centro de Umbanda Rainha do Mar (Zilair João Borges Deolinda, criado pela falecida Zilda Freitas da Silveira); e Tenda de Umbanda Menina Cigana (Maria Goreti Mendes Guarezi).

Nesses espaços sagrados, considerando as vertentes das religiões de matrizes africanas, em todos os terreiros seus dirigentes afirmam a dedicação à Umbanda Branca (com grande influência e presença do Cristianismo e do Kardecismo, minimizando o racismo estrutural e a intolerância religiosa); além disso, em concomitância, dois terreiros cultuam a Nação, um terreiro celebra o Umbandomblé e um terreiro venera as Almas e Angola. Eles se diferenciam no sistema de crenças e na manifestação do ritualismo e, por conseguinte, nas concepções estética e funcional da edificação e do seu acervo ritualístico.

Destaca-se que o primeiro terreiro estabelecido em Laguna foi a Tenda Espírita São Sebastião, criada e dirigida por Florisbela Nascimento dos Santos, D. "Bela". Em meados da década de 1960, D. Bela realizava sessões de Umbanda em sua casa e posteriormente no galpão dos Kfourri no bairro Portinho. No início da década de 1970, para atender a grande quantidade de consulentes/assistência, sediou a Tenda na antiga rua das Parteiras, atual rua Osvaldo Aranha, junto do morro, próximo ao Hospital de Caridade, na periferia sul do Centro tombado. Então, a Tenda foi dedicada às Almas e Angola pelo casal Zilda Freitas da Silveira e Francisco Bernardino da Silva (respectivamente, ialorixá mãe pequena e Ogã de Xangô, feitos por mãe Ida de Xangô); e D. "Bela" foi consagrada ialorixá pelo babalorixá Evaldo Linhares (também filho de santo de mãe Ida de Xangô). Essa vertente de Almas e Angola aportou em Santa Catarina na década de 1950, trazida do Rio de Janeiro para Florianópolis pela ialorixá Guilhermina Barcelos, mãe Ida de Xangô. Após o fechamento da Tenda em 1984, o imóvel foi vendido para a Sociedade Recreativa e Cultural Escola de Samba Vila Isabel, a qual teve origens comuns com a corrente da Tenda; no presente, a mesma edificação está em reforma, já totalmente descaracterizada, sem qualquer resquício visível do abrigo religioso.

Ora, em Laguna, o legado negro não está reconhecido, nem devidamente valorado. A preservação do patrimônio, efetivada oficialmente pelas gestões federal, estadual e municipal, tem visado salvaguardar a feição histórica e o perfil madeirense e açoriano na cidade, ou seja, os bens legados pelos povoadores de origem portuguesa e cristã, abastados e escravagistas. Consequentemente, a significativa presença negra desaparece através da destruição dos seus vestígios materiais. A propósito, a Capela Nossa Senhora do Rosário, construção iniciada em 1845 no topo do morro homônimo na periferia norte do Centro tombado (em situação de maior destaque no frontispício citadino), constituiu o *locus* primitivo de manifestação das religiosidades de matrizes africanas, posto que a irmandade de "pretos da África", a maior parte escravizados e "poucos já libertos" celebrava rituais católicos e cerimônias afro-brasileiras em festas culturalmente híbridas; a demolição da edificação em 1933 e o abandono do sítio no presente comprovam o apagamento proposital das memórias negras. Logo, confirmou-se a hipótese que o discurso histórico positivo de enaltecimento do homem branco cristão fundamentou as ações preservacionistas no município, ignorando e desprezando os demais povos: tal hegemonia histórica e patrimonial do colonizador levou à invisibilização das referências, culturas e crenças, dos colonizados e, portanto, a não conservação de seus espaços sagrados.

Palavras-chave: Religião de Matriz Africana. Preservação do Patrimônio. Laguna/SC.